

O Que Deve Ser a Universidade Popular Portuguesa

Faria de Vasconcelos

In «Artigos Na Educação Popular», 1921

Pede-me a Universidade Popular Portuguesa que defina nalgumas linhas a orientação duma instituição desta natureza. Com prazer o faço. Recordo neste momento a actividade que à obra da Extensão Universitária para o povo consagrei com fervor, quando era professor na Universidade Nova de Bruxelas.

Desde que os cursos se estabilizavam na Universidade e tomavam um rumo definitivo, começava também, para nós professores, essa peregrinação espiritual através da Bélgica, quase sem descanso durante cinco ou seis meses, pelo menos.

A Universidade julgava e com razão que além das funções especiais e próprias que tinha, como centro de estudos e de investigações, não podia esquivar-se a uma obra de acção social, de difusão larga e ampla do seu pensamento. Não havia professor que não sentisse repercutir dentro de si o chamamento à vida que vinha de fora.

Abrir as portas e as janelas duma Universidade sobre a vida já era muito. E não obstante era ainda pouco. E a Universidade não parou enquanto os seus professores não entraram pelas portas e janelas de inúmeras povoações levando consigo o espírito da Universidade.

Mas deixemos as evocações.

Não é a Universidade Popular Portuguesa uma obra de extensão universitária dependente da Universidade de Lisboa. Tem uma vida própria, organismo seu. O seu título é claro e preciso, é nitidamente uma obra de educação e de instrução popular.

Não é um centro de estudos e de investigações científicas, mas somente um centro de difusão de conhecimentos e de cultura espiritual entre o povo.

É isso o que ela pretende por agora. Digo por agora, porque mais tarde o seu desenvolvimento, que importa fomentar e ajudar por todos os meios, legitimará novos voos.

Dizíamos que a Universidade é um centro de educação e de instrução do povo. Como tal não pode perder de vista o ideal de toda a obra educativa, que é a formação do homem completo, do homem humano, que é preciso fazer surgir do homem fragmentário da nossa época.

Importa desenvolver o mais que seja possível essa série de actividades, mas tendo sempre presente ao espírito o ideal que deve reuni-las, coordená-las e fundi-las numa síntese harmoniosa.

Quanto mais perfeitas forem essas actividades, tanto mais nos aproximaremos desse ideal educativo humano.

As Universidades Populares já começaram a entrar num caminho de mais seguros resultados.

As preocupações de índole instrutiva que foram a característica do seu início cedem o passo hoje às preocupações educativas.

É intuito meu indicar neste artigo limitado, e duma maneira rápida, a série dessas actividades educativas, destinadas à formação do homem individual e do homem social, de cuja síntese resulta o homem humano.

O homem individual — No homem individual há uma série de actividades e de necessidades que importa desenvolver e satisfazer, são as actividades e as necessidades do *homem físico*, do *homem intelectual* e do *homem moral*.

De igual modo no homem social existem necessidades e actividades variadas, as do *homem familiar*, do *homem profissional* e do *homem cívico*.

O homem físico — A Universidade Popular Portuguesa deve inscrever no seu programa de actividades os meios conducentes à melhor educação física do povo.

Não seria difícil encontrar nas imediações de Lisboa terreno suficiente para construir, à semelhança de outros países, um grande campo de jogos e de actividades físicas, bem dirigidos e orientados, dentro de um local ao ar livre convenientemente instalado.

Quem não conhece os *play grounds* norte-americanos? *Play grounds* que igualmente serviriam para a juventude escolar.

Outra obra dum alcance não inferior é a de organizar por si, ou de obter das autoridades municipais, *instalações eficientes de banhos e duches populares, de piscinas de natção*, etc.

Outra das suas preocupações deve ser a de difundir por meio de cursos devidamente organizados e de publicações simples, clara e precisamente feitas, as *noções indispensáveis de higiene humana, de higiene da habitação, da alimentação*, etc., e levar o seu esforço e o seu concurso às obras e instituições que, fora dela, lutam pela solução destes problemas.

O homem intelectual — Pelo que respeita à tarefa da educação do homem intelectual, a série dos problemas a resolver não é menos importante e complexa.

A Universidade Popular tem que completar e rectificar conhecimentos adquiridos, coordenar solidamente os que se possuem e difundir aqueles que são absolutamente indispensáveis e que o homem adulto não pode ignorar sejam quais forem a sua situação, meio e actividade.

É preciso organizar *cursos gerais*, de base, que comportam o conhecimento dos factos e problemas mais fundamentais relativos às ciências físico-químicas, naturais, psicológicas e sociais.

A Universidade Popular deve organizar esses cursos conforme o plano do Dr. De Croly, que me parece excelente:

- 1 – *O homem e as suas necessidades físicas, intelectuais e morais;*
- 2 – *O homem e os animais;*
- 3 – *O homem e as plantas;*
- 4 – *O homem e os minerais;*
- 5 – *O homem e a terra;*
- 6 – *O homem e o Universo;*
- 7 – *O homem e a sociedade.*

Este plano tem a vantagem, pela sua clareza e naturalidade, de constituir um guia metódico para o estudo dos principais fenómenos, problemas e instituições que mala particularmente podem interessar o homem nas suas relações com as coisas e os seres, e de servir de base para desenvolvimentos graduais e progressivos.

Esses cursos gerais devem ser dados duma maneira sistemática, que coordene e encadeie as noções a todos compreensíveis e assimiláveis.

Um dos grandes defeitos das Universidades Populares tem sido a sua falta de método e de ordem na difusão dos conhecimentos, porque os cursos e conferências que se fazem não têm ligação entre si.

Mas como importa satisfazer necessidades mais elevadas, convém também organizar cursos especiais sobre problemas e questões de alto interesse científico, social e moral.

Escusado será dizer que essas séries especiais de cursos e conferências devem obedecer a necessidades bem determinadas e a um plano igualmente bem organizado, no qual as matérias sejam tratadas não só sob um ponto de vista estático mas genético.

Outro dos grandes defeitos das Universidades Populares tem sido o seu ensino essencialmente livresco, que apenas faz chamada à audição, ao passivismo intelectual.

É necessário introduzir nelas *métodos activos*. Ouvir não basta, é preciso ver e fazer.

As *aplicações cinematográficas* – que é preciso estender e intensificar por todos os meios – são já uma feliz reacção contra o verbalismo dos conferencistas.

Mas convém ir mais longe e organizar:

a) *visitas e excursões de estudo* referentes aos problemas que se tratam; b) *sessões de discussão e de trabalho prático* – documentação, leitura, etc. – sobre esses mesmos problemas; etc.

O que importa é não perder de vista que, além dos conhecimentos que se difundem, a missão essencial da Universidade Popular é educar, é formar intelectualmente, desenvolver o espírito crítico, orientar e dirigir as aptidões mentais, fornecendo-lhes materiais para um trabalho próprio.

Estes métodos activos que deverão aplicar-se em todos os cursos e conferências poderão ser realizados mais completamente e em melhores condições se a Universidade Popular organizar, como creio de utilidade fazê-lo, dentro do seu seio, *grupos de estudos*, onde se aproveitariam e se dirigiriam interesses e aptidões determinados para certos problemas.

Desde já poderiam ser organizados três grupos:

a) *grupo de estudos profissionais*; b) *grupo de estudos económicos e sociais*; c) *grupo de estudos morais e filosóficos*.

Quem sabe o desenvolvimento e a extensão que estes grupos podem tomar? Não seria mesmo para estranhar que, se houvesse boa vontade, perseverança, bom critério e desejo fecundo de afirmação criadora, eles se pudessem transformar em verdadeiros *Institutos de trabalho* elevado.

O homem moral – Deixando agora os problemas relativos à organização intelectual, sobre os quais haveria muito ainda que dizer, passemos aos problemas relativos à formação do homem moral, a educação do carácter, da vontade e da personalidade que constituem a preocupação essencial da obra educativa.

Além dos cursos e conferências destinados a fazer conhecer os problemas morais, a exaltar o valor do carácter na vida das coisas e dos seres, convém criar *um verdadeiro ambiente de acção moral*. A virtude não é obra de ensinamento exclusivo, é acção, prática vivida.

Nas obras de acção, que convém criar e multiplicar, cada elemento que frequenta a Universidade deve encontrar um posto e um estímulo para conformar os seus actos com os seus princípios.

É pelas obras que se mede, em geral, o valor dos homens e é nelas que se educa e se afina o seu sentido moral, graças às experiências morais que elas suscitam e organizam.

Antes de terminar convém ainda notar a necessidade inadiável da *educação artística popular*. Sei que ela constitui uma elevada preocupação da Universidade Popular Portuguesa e tenho fé em que ela se realize, pondo desde já mãos à obra dos *concertos populares*, das *leituras das grandes obras-primas*, das *visitas colectivas aos museus*, e às *exposições artísticas*, dos *cursos e conferências* com projecções luminosas ou cinematográficas – *sobre arte*, etc. Espero que a Universidade Popular acolha a ideia de trabalhar com afinco pela realização dum *teatro do povo*. Quanto se tem feito e se faz fora de Portugal para a educação artística popular!

O homem social – Em matéria de formação do homem social a missão da Universidade Popular não é menos complexa e variada.

Distinguimos, por necessidade de análise, o homem familiar, o homem profissional e o cidadão, dentro do homem social, querendo indicar com isso uma série de actividades de carácter e tendência colectiva.

Que o homem não pode nem deve viver só para si é uma verdade que não carece de demonstração. Pena é, não obstante, que a vida de muitos não seja a encarnação prática desse pensamento e dessa necessidade.

Será um dos méritos e dos resultados mais profícuos da Universidade despertar e exaltar, em todos, o sentido cívico e social da vida.

O homem familiar – Pelo que respeita às actividades familiares havemos de notar desde já a necessidade dalgumas obras imprescindíveis:

a) *Criação de cursos pedagógicos para as famílias.* Tudo se aprende menos a saber como e porquê se educam os filhos; ora a educação dos filhos é a missão essencial da família e esta não pode nem deve ignorar os problemas e meios indispensáveis para fazê-lo.

b) *Criação de consultas paidotécnicas* destinadas, como se faz com excelentes resultados no estrangeiro, a esclarecer e a orientar praticamente a família na educação dos filhos.

e) *Cursos de puericultura e de economia doméstica*, bem organizados, para as mães de família e para as raparigas.

d) *Criação dum jardim de infância e de uma escola primária modelos*, que realizem o tipo duma escola nova.

e) *Criação de Círculos de Pais e Mães*, com o objecto de aproximar os pais de todas as classes sociais, num sentimento comum da sua responsabilidade de educadores, e de realizar a sua cooperação na obra da escola.

O homem profissional — Pelo que respeita às actividades profissionais, o que convém antes de tudo fazer ressaltar é que a profissão não é um fim em si, mas um dos meios de realizar fins superiores, e que um homem que faz da sua profissão a preocupação exclusiva da sua vida não é um verdadeiro homem. Toda a profissão deve ser exercida com um fim cívico, social e altamente humano. Ela representa uma parte, um fragmento da vida e não a sua totalidade.

É inspirando-se nestes princípios que a actividade profissional deve ser compreendida e que certas das suas necessidades devem ser satisfeitas na Universidade Popular. Entre os organismos que convém fundar mencionarei os seguintes:

a) *Criação dum Instituto de orientação profissional*, destinado a esclarecer os pais e os filhos na escolha da carreira mais apropriada às aptidões do indivíduo, à semelhança do que hoje se faz em todos os países cultos.

b) *Criação duma Câmara de Ofícios*, anexa ao instituto, destinada à realização dos fins económicos e sociais da orientação profissional: *obras de assistência profissional*, etc.

e) *Criação dum grupo de estudos dos problemas do ensino profissional e técnico*.

d) *Criação de cursos especiais sobre certas carreiras*, ou inteiramente novos, como o curso de enfermeiras escolares, cursos para a formação do pessoal das cooperativas, cuja organização já propus, ou destinados a completar o ensino recebido em escolas profissionais. Entre esses cursos especiais, os que convém desde já organizar são aqueles que se dirigem à mulher, «nouvelle venue» no mundo económico contemporâneo.

O homem cívico – A série de qualidades e de actividades individuais e sociais que indicámos converge toda poderosamente para a formação do cidadão.

Não se pode ser um verdadeiro cidadão se, no exercício amplo dos direitos e no cumprimento fecundo dos deveres cívicos, não se possui e não se aplica integralmente essa série de qualidades que dão a medida dum homem.

Poderá ser um cidadão aquele que não tem as noções mais indispensáveis sobre as coisas e os seres que o rodeiam? Poderá ser um cidadão um homem que não dispõe do espírito de iniciativa, da clareza de juízo, do sentido crítico suficiente que lhe permita fazer da inteligência um instrumento de selecção e de acção, em favor do progresso colectivo? Poderá ser um cidadão um homem sem carácter, sem valor moral, sem força de vontade, sem um elevado sentimento das suas responsabilidades, sem a noção da sua dignidade própria? Poderá ser um cidadão um homem incapaz de entusiasmar-se e de sacrificar-se por uma causa colectiva, um homem sem ideal, impotente para dominar o seu egoísmo pessoal e cooperar numa obra comum e impessoal? Poderá ser um cidadão um homem escravo das suas paixões e dos seus instintos, um homem que não é verdadeiramente livre de espírito e de coração? Poderá ser um cidadão um homem que mede os seus esforços, que conta as suas penas, que não sabe servir o futuro sem uma recompensa do presente? Poderá ser um cidadão um homem que não cumpre todos os seus deveres de família e que não exerce uma profissão honrada e útil, um homem que não trabalha com fé e consciência, um homem que não sabe desprender-se de si mesmo e viver para os outros?

Todas as actividades da Universidade Popular devem contribuir para a formação de homens que coloquem o seu orgulho, como diria Emerson, em fazer de Portugal «*uma nação de servidores e não de gente servida*», de homens para quem ser útil seja o maior acto da sua vida.

Além de cursos e conferências sobre os problemas cívicos, considerados desde os seus variados pontos de vista económicos, políticos, jurídicos, morais, sociais, históricos, geográficos e patrióticos, o que convém sobretudo é fazer *educação cívica*.

O civismo não é palavra didáctica, ciência teórica, é acção e prática, o que implica:

a) *o desenvolvimento dum ambiente cívico*, onde todos cooperem na obra comum, cada um no seu posto e na medida dos seus esforços; todos devem ser chamados a uma actividade determinada.

b) *a criação de grupos cívicos*, fora de qualquer limitação partidária, sectária ou de escola, destinados não só a controlar os serviços colectivos, mas também a estudar os problemas e as melhores soluções que eles implicam e a lutar pela sua realização, com elevação de critério e de tolerância.

Como exemplo desses grupos penso nos «bureaux de investigações municipais», que existem na maioria das cidades dos Estados Unidos, e que tanto ajudam as administrações municipais na introdução e aplicação de práticas novas de administração e de gestão.

São grupos assim, cuja acção abarque a série dos serviços públicos, que devem ser organizados, mas organizados de modo que além do controlo da crítica – sempre fácil – encarem com valor o estudo prático dos problemas e dos meios de solução, *grupos onde a crítica leva ao estudo e o controlo exterior ao controlo interior, quer dizer a colaboração inteligente e decidida nos serviços públicos.*

Será um dos maiores serviços, que prestará a Universidade Popular, inculcar em todos os cidadãos o sentimento das suas responsabilidades e deveres e levá-los à acção social – sem dogmatismos, nem sectarismos, nem partidarismos – pelo progresso colectivo.

Eis aí, dum modo geral, alguns dos problemas e dos meios da sua solução que implicam uma orientação fecunda na Universidade Popular.

Enquanto permanecer em Portugal terá em mim a Universidade Popular um colaborador decidido.